

A antropologia urbana : convergências e divergências na França e no Brasil¹.

Patrick Le Guirriec

Professor Doutor na Universidade François Rabelais à Tours (France)

Professor Visitante Estrangeiro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN
(bolsista da Capes)

Resumo

O início da antropologia urbana no Brasil e na França é comparável tanto do ponto de vista histórico quanto dos problemas de legitimidade que ela encontrou e dos problemas de metodologia privilegiados. Por outro lado, elas distinguem-se claramente em relação aos objetivos procurados. No Brasil, os pesquisadores sempre tentaram entender a complexidade das sociedades urbanas através da aproximação etnográfica de alguns territórios, de rituais, de grupos sociais, de manifestações culturais, etc. Na França, a questão da compreensão da cultura urbana jamais foi a principal preocupação de pesquisadores que abordaram geralmente seus objetos de pesquisa, sociais e espaciais, como se se tratasse de partes isoladas no meio da sociedade global, deixando a análise da cidade às outras disciplinas, como a sociologia e a geografia social.

Palavras-chaves : etnografia, cidade, sociedade complexa.

A Escola de Chicago e, em uma menor medida, a escola de Manchester, permanecem as referências incontornáveis de todas as pesquisas de antropologia urbana. Se é igualmente incontestável que um cidadão africano é um cidadão, justamente como sublinhou Anne Raulin (2001,) a antropologia urbana sempre tentou evitar as definições essencialistas da cidade, opondo-se para tanto à visão oferecida por Louis Witth (1928). Dessa forma, mesmo se a cidade produz formas de relações sociais que são próprias a este tipo de meio, a situação contextual particular de cada país permite-nos perceber relevantes diferenças na organização sócio-espacial dos espaços urbanos. Essas diferenças levaram os antropólogos a tomar diferentes vias, a focalizar sua atenção nos objetos específicos a fim de construir a disciplina e impor a cidade como um campo específico e legítimo da antropologia. A comparação entre a situação no Brasil e na França nos permitirá esclarecer simultaneamente as singularidades da

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”

cidade e também da antropologia urbana em cada um desses países. Nessa abordagem comparativa, procuraremos mostrar os elos que se estabeleceram entre a antropologia urbana e as disciplinas vizinhas principalmente como a sociologia, como também é nosso intuito destacar a seleção dos pesquisadores por determinados objetos e os procedimentos metodológicos empregados.

Sociologia ou antropologia. As referências disciplinares.

Em um *continuum* que vai do rural ao centro de uma cidade, passando pelo periurbano, a periferia e os bairros pericentrais, misturam-se a antropologia, a sociologia, a geografia social, a história e o urbanismo. No centro dos espaços e destas disciplinas, nos contornos frequentemente mal delimitados, a antropologia urbana francesa encontrou objeções para se impor como uma disciplina específica, em virtude de motivos que, como veremos, estão ligados tanto às dificuldades de delimitar objetos próprios, como de reproduzir, em campos complexos, os métodos e os conceitos tradicionais da etnologia.

Na França não houve ruptura entre antropologia urbana e sociologia; a primeira utilizou da sociologia o método comparativo de Durkheim e o individualismo metodológico de Weber. A segunda, descobriu a abordagem qualitativa e a observação participante principalmente a partir da descolonização, quando então, os etnólogos « exóticos », expulsos dos seus campos de pesquisa começaram a trabalhar sobre as sociedades rurais européias. Na mesma época, com o enfraquecimento destas sociedades, houve por parte dos antropólogos o movimento de estudo em direção às cidades. Essa interpenetração das disciplinas aparece claramente nas pesquisas de Chombart de Lauwe, fortemente inspiradas pela Escola de Chicago, entrevistas em uma representação radio concentrada de Paris. Como resultado de sua pesquisa, surge a publicação de *Paris, essais de sociologie*, concomitantemente à criação de um grupo de pesquisa intitulado « Centro de etnologia francesa. »

Apenas no final da década de 1960 Colette Petonnet (1968) vem a publicar um trabalho sobre os subúrbios e, Jacques Gutwirth (1970), sobre os Judeus Chassídicos de Anvers, Boston e Nova York. Mas, será necessário esperar a data de 1983 para que a antropologia urbana seja reconhecida pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). Uma obra coletiva, *Chemins de la ville, Enquêtes ethnologiques*, dirigida por Gutwirth e Petonnet em 1987 apresentará pela primeira vez os objetos estudados e as metodologias empregadas pelos principais pesquisadores que

se dedicavam ao campo urbano na França. Dessa forma, a antropologia urbana parece ser reconhecida e legitimada e a delimitação com a sociologia estabelecida graças principalmente ao método utilizado: distanciamento cultural e moral do observador em relação ao grupo que ele estudava e a restituição do « vivido » e da consciência subjetiva dos indivíduos observados. Porém, é sobretudo a partir dos desenvolvimentos tardios da antropologia urbana na França que as duas disciplinas realmente se aproximaram, a tal ponto que torna difícil reconhecer as pertencas entre uma e outra área acadêmica, ou seja, entre elas pertencerem à sociologia ou à antropologia. No primeiro número da revista *L'Homme* (1982/22), J. Gutwirth (ibid.:5), fundador da antropologia urbana na França, escreve « Durante muito tempo, os etnólogos franceses buscando os sistemas de pensamento e de modos de viver tradicionais, abandonaram a cidade às outras disciplinas, principalmente aos geógrafos e sociólogos. »

A história da antropologia urbana brasileira e os problemas de legitimidade que ela encontrou não apresentam diferenças sensíveis em relação à situação francesa. As fronteiras entre as duas disciplinas se estabeleceram progressivamente; inicialmente em 1941, no momento em que começa o ensino de antropologia na USP, no departamento de Ciências Sociais. Segundo seu responsável, Emilio Willems, os três campos da antropologia seriam: « o estudo das culturas indígenas e seus contatos com a civilização; o estudo das culturas caboclas ; e o estudo de certos grupos étnicos e raciais, como negros, japoneses, alemães, etc » (Magnani, 2000: 25). Como o demonstra Magnani (2000), os primeiros estudos antropológicos conduzidos no Brasil se dedicaram às pequenas comunidades do interior, principalmente as populações caiçaras, nos anos 50. Mas como ele mesmo escreveu, torna-se difícil afirmar se esses estudos pertencem à área da sociologia ou aquela da antropologia, porque as duas disciplinas se apoiam nos mesmos fundamentos teórico-metodológicos: funcionalismo francês (Durkheim e Mauss), e anglo-americano (Malinowski e Radcliffe-Brown).

Foi somente na década de 70, tanto no Brasil como na França, que a cidade vai fornecer temas e objetos de interesse para a pesquisa antropológica. Mas a herança da etnologia «exótica » torna-se estrangeira aos pesquisadores brasileiros, já que desde o seu início, como aponta Magnani, eles desenvolvem uma etnologia em reação à etnologia tradicional, à etnologia da aldeia. No livro *Na metrópole: textos de antropologia urbana*,(2003: 47), Magnani denuncia a tentativa de reproduzir, em um

contexto bastante diversificado e heterogêneo das metrópoles, aquele lugar ideal onde supostamente se poderia aplicar, com mais acerto, o método etnográfico, o que ele chama de “a tentação da aldeia”.

Para Magnani (2000: 47) a diferença entre sociologia e antropologia encontra-se na oposição entre comunidade e sociedade, ou entre aldeia e cidade. Não seria o caso de opor a sociedade moderna à sociedade “primitiva”, mas sim, tratar de “dois padrões, dois tipos ideais de interação social: a sociedade implica relações secundárias, vínculos impessoais, visão racional, atitudes utilitaristas, enquanto comunidade evoca relações face a face, sentimento de solidariedade, obediência à tradição, rígido controle social etc. Relações ‘societárias’ e ‘comunitárias’ não constituem características exclusivas de uma forma determinante de organização social : coexistem, imbricam-se.”

Essa definição feita por Magnani mostra que tanto nas sociedades complexas, como nas sociedades tradicionais, coexistem os dois tipos de relações; assim, o autor evita uma visão essencialista dos dois tipos de organização social. Por outro lado, é importante para ele fazer essa distinção, a qual permite a delimitação dos objetos de pesquisa do antropólogo como do sociólogo.

Heitor Frugoli Jr. (2005), em um artigo de tom consensual, assinala a separação das duas disciplinas a partir do momento que a sociologia urbana brasileira se tornou marxista sob a influência francesa. Para tanto, a sociologia marxista em geral rechaça o culturalismo da Escola de Chicago, dedicando-se principalmente aos estudos das ideologias e dos conflitos de classes ligados às relações sociais de produção – fato este que a aproxima da ciência política. A sociologia e a antropologia se separam pelos objetos e os seus métodos. A conclusão do seu artigo (ibid:124) não deixa dúvida sobre a relação existente entre as duas disciplinas: « a prática etnográfica tem se revelado, como vimos, um dado diferencial bastante significativo, cabendo continuar a explorar ou mesmo a radicalizar seu potencial." Este ainda aponta a importância do olhar etnográfico na pesquisa antropológica, porque é através da metodologia que a antropologia consegue mostrar tanto a sua originalidade em relação às outras disciplinas, como a sua riqueza na compreensão dos fenômenos complexos. É clara « a importância que tal escola teve em investigações etnográficas que aos poucos permitiram estabelecer uma diferença entre diversidade e desorganização, abrindo

espaço para uma série de investigações antropológicas, que conferiram um outro estatuto à etnografia » (2005: 108)

Mas foi principalmente em relação à própria antropologia que a antropologia urbana encontrou os seus principais obstáculos para se impor como ciência específica e legítima. Confrontados com a complexidade das sociedades urbanas, os etnólogos tiveram de mudar as ferramentas teóricas e os métodos. Por causa da sua história, exclusivamente dedicada às sociedades “exóticas”, a etnologia francesa aceitou, não sem dificuldade, o estudo das sociedades complexas. O estruturalismo não se presta à investigação nos campos marcados pelas mudanças permanentes, e o marxismo nunca conseguiu demonstrar que a cidade era a projeção, no espaço físico da cidade, das relações sociais de classes. Ela sempre se recusou a considerar a cidade como um objeto em si, produzindo relações sociais específicas, mas sim como um espaço ligado a um contexto histórico, como o resultado das relações sociais da produção.

A direção dos rumos da antropologia francesa foi marcada pelo número 97-98 da revista *L’Homme*, do ano 1986, « L’anthropologie, états des lieux », onde se enfrentam sejam as reflexões conservadoras da ortodoxia etnológica, sejam as novas perspectivas oferecidas pelos estudos das sociedades complexas. Os representantes dos conservadores argumentam a falta de distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa, ou seja, seu próprio ambiente, a cidade. Os segundos relacionam o desaparecimento da etnologia com o desaparecimento das sociedades « exóticas » e acreditam que a sobrevivência dessa ciência depende de sua capacidade de estudar as sociedades modernas. Nesse número, Alain Testart (1986: 139), por exemplo, afirma que « o método como meio só pode ser subordinado a uma finalidade: o estudo de um objeto científico. O objeto justifica o método. » O autor coloca em evidência o objeto da etnologia como sendo o estudo das sociedades primitivas, e o método, a observação participante. No entanto, devido ao desaparecimento dessas sociedades, os elos entre objeto e método não podem ser mantidos, de onde surge a alternativa de conservação do objeto e abandono do método, ou então deixar o objeto e guardar o método. Ele conclui a sua argumentação falando que é necessário guardar o objeto e mudar o método na medida que as sociedades tradicionais desaparecem, já que possui os dados suficientes para continuar neles trabalhando. Mas a esse respeito, Testart se recusa a aceitar o movimento da etnologia das sociedades « exóticas » em direção às sociedades urbanas.

No Brasil, também não foi fácil a legitimação do estudo das sociedades complexas no campo da antropologia, o que Magnani chama de « discriminação doméstica ». Os antropólogos urbanos brasileiros conseguiram utilizar o método etnográfico para entender a cidade. A partir da observação fina de um evento banal, eles conseguem tirar conclusões gerais sobre a cultura, as normas e a organização da sociedade urbana brasileira. Como propõe Magnani (2000 :47) o importante é não encarar « o objeto de estudo – uma festa, um ritual, um bairro, uma religião - como unidade fechada e autoconcentrada. No entanto, o significado e o alcance do candomblé, por exemplo, não se circunscrevem ao terreiro: seus rituais transbordam para a cidade, dialogam com outras intuições, o mesmo ocorrendo com outras práticas culturais nos grandes centros. Se cortar um objetivo ou tema da pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos com as demais dimensões de dinâmica urbana, em especial, a da modernidade, em geral. » Magnani reconhece que em uma perspectiva antropológica, os recortes na globalidade e na complexidade da cidade são indispensáveis, mas guarda no seu método a preocupação de situar os fenômenos estudados no contexto global a fim de explicar a complexidade da sociedade urbana.

É nessa perspectiva que a antropologia urbana brasileira se diferencia muito da francesa. A primeira, prosseguindo a linha da Escola de Chicago, sempre teve a ambição de entender a sociedade urbana na sua globalidade, a segunda nunca conseguiu ultrapassar o estudo dos « pedaços » sociais ou espaciais da cidade.

Antropologia da cidade ou na cidade.

O assunto não é muito original e já foi muito discutido, mas é exatamente nele que as pesquisas brasileiras e francesas se diferenciam. Para os antropólogos brasileiros, a antropologia social é caracterizada pela metodologia, e a obra de C. Geertz *A interpretação das culturas* (1983) é citado em quase todas as bibliografias enquanto no livro « *Chemins de la ville* », obra de metodologia, nenhum autor o cita. Também, *Os Nuers*, de Evans Pritchard, aparece como uma referência incontornável, pois esse estudioso conseguiu descrever os fatos de uma maneira tão fina de tal maneira que os próprios fatos podem ser compreendidos em um nível de abstração muito elevado, realizando uma etnologia interpretativa e não explicativa. Mas é verdade que os etnólogos franceses hesitam sobre o alcance de sua disciplina: a metodologia ou o objeto, o estudo dos « pedaços », ou da cidade global. No número da revista

L'Homme, já citado, Yves Delaporte (p.168) escreve «O campo urbano é largo demais e aberto há tão pouco tempo à pesquisa etnológica para que uma reflexão sobre esse assunto possa aparecer de outra maneira senão fragmentada »

No Brasil, poderíamos citar inúmeros trabalhos que empregam esse processo conhecido desde Clyde Mitchell (1956), onde ele, a partir da observação de uma dança, tira conclusões sobre os fenômenos de des-tribalização e re-tribalização no contexto da urbanização na Rhodesia. Muitos trabalhos brasileiros usam esse processo metodológico. O artigo de G. Velho é exemplar dessa aproximação da cultura urbana. A partir de uma observação etnográfica de um « preto velho » que ele fez em Copacabana, G. Velho pergunta-se sobre diferenças e semelhanças entre as pessoas de origem, idade, estatuto, muito variáveis, que esperam pelo « preto velho », e sobre diferenças entre essas pessoas que aguardam e aquelas que passam na rua ignorando ou rejeitando o evento. A partir dessa observação, o autor pretende « perceber mecanismos e características fundamentais da sociedade brasileira, o que também contribuirá para uma teoria mais geral das sociedades complexas » (15), Todas as pessoas, tanto as que estão na fila, quanto os transeuntes são determinados por um *campo de possibilidades* própria à sociedade complexa moderna » (p19). Ele opõe o *campo de possibilidades*, ao *projeto* : Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas no processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual « lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas em avaliações e definições da realidade. » (p25) Isso mostra que a partir da observação de um « preto velho » na praia de Copacabana, o autor consegue mostrar a complementaridade, nas sociedades complexas, entre os fatores deterministas e o individualismo. O que poucos antropólogos franceses conseguiram.

Por consequência, foi e é através do método etnográfico que a antropologia urbana brasileira conseguiu manter-se uma disciplina específica, pois esse método permite a obtenção de resultados que nenhuma outra disciplina consegue obter. Só a antropologia usa o método indutivo, sabe construir as suas hipóteses a partir do seu próprio campo, observando o mundo através dos olhos das populações estudadas. Mas na França, sob influência de Levi-Strauss, que deu à antropologia um caráter muito teórico, a etnografia nunca foi muito valorizada, e os resultados do trabalho de campo foram principalmente considerados como um meio de ampliar a reflexão teórica. Além

do mais, trabalhando na cidade, a tentação de deixar a descrição etnográfica, a não ser que seja para descrever um « pedaço », foi muito forte, como também o foi a concorrência com os outros meios de escolher os dados (fontes escritas, entrevistas, questionários...).

No início da pesquisa sobre a cidade, os antropólogos franceses tentaram retomar os instrumentos teóricos tradicionais e estudar as relações de parentesco ou então o político. Mas de forma muito rápida, a complexidade da cidade mostrou que essas aproximações não eram operantes e que, em todos os casos, não era possível estudar uma cidade por meio das estruturas de parentesco, da mesma maneira que as organizações políticas aí eram tão complexas que as características do político e suas noções de território, de aparelho político-administrativo, ou de coerção legítima não podiam ser aplicadas aos meios urbanos.

Para evitar os obstáculos, a etnologia urbana francesa se concentrou nos grupos ou nos espaços restritos, reconstituindo assim os quadros de uma etnologia exótica, distanciada. Uma, dentre as duas primeiras obras da etnologia urbana que podemos considerar relevantes, estuda as favelas ao redor de Paris (Petonnet : 1968), a outra (Gutvirth : 1970) trata dos judeus chassídicos, judeus ultrareligiosos de Anvers, Amsterdam e Boston. Nesses dois estudos, trata-se antes de tudo de caracterizar territórios ou grupos, mas em nenhum caso de dizer o que é a urbanidade. Trata-se então de uma etnologia na cidade e não de uma etnologia da cidade. Como o escreve Maité Clavel (1992), « o campo urbano da etnologia é a cidade concebida como um mosaico de grupos sociais, não como uma unidade ... Os recortes conduzem constantemente ao isolamento das populações e não dos cidadãos, e a fabricar espaços *had hoc* e não ao reconhecimento dos lugares delimitados nas práticas e nas representações dos habitantes » Pode-se ilustrar esses propósitos através do excelente estudo etnográfico de S. Chalvon Demersay, *Le Triangle du XIV^o*, onde o autor delimita um espaço no centro da capital francesa, e aí observa as consequências da gentrificação que nele se desenvolve, considerando este espaço como pertinente e como um isolamento no interior da cidade. Pode-se igualmente citar a obra de Beatrix Le Wita, *Ni vue, ni connue*, dando acento a uma análise da burguesia francesa. A autora também considera esse grupo como um isolamento social, sem que suas relações como os outros grupos da sociedade sejam abordadas. Estes estudos gravitam

sobre a cultura, assunto central dos estudos etnológicos, mas não mostram a cidade como lugar de produção de uma cultura específica.

Nos dias atuais, a antropologia urbana francesa, na França, parece estar diluída nas outras disciplinas. Em contrapartida, observamos o surgimento, fora da França, de trabalhos mais próximos da tradição antropológica, como aquele de Galinier e Molinié *Les Néo-indiens. Une Religion du III^e Millénaire* (2006). Mesmo que não se trate de um texto de antropologia urbana propriamente dita, é um estudo consagrado à nova religiosidade sincrética dos índios peruanos e mexicanos, essencialmente os do meio urbano. No mesmo propósito, podemos citar, no Brasil, os trabalhos de Dominique Vidal (1999, 2007) sobre a favela de *Brasília Teimosa* em Recife, ou sobre as empregadas no Rio de Janeiro – exemplos da antropologia urbana francesa redescobrando assim a sua tradição iniciada por Bastide (1958) e Balandier (1955), quer seja em outros países da Europa, ou da África ou da América Latina. Mas, como na França, essas pesquisas praticam recortes na globalidade urbana e não tentam explicar as sociedades complexas.

Conclusão

As diferenças entre a situação da disciplina nos dois países parecem muito ligadas ao contexto científico, à história da antropologia e as suas relações como as outras disciplinas próximas. Na França, a influência de Levi-Strauss foi determinante na medida em que os pesquisadores concentraram seus estudos nas sociedades « frias », e abandonaram o estudo da cidade – a sociedade « quente » – às outras disciplinas, principalmente à sociologia e à geografia, negando-se, dessa maneira, a sair da « aldeia ». Nesse país, a antropologia urbana conseguiu a sua legitimidade com muita dificuldades, pois os conceitos e métodos empregados distanciavam-se daqueles utilizados pela etnologia das sociedades tradicionais. Em consequência, os pesquisadores detiveram-se em estudos sobre grupos e territórios homogêneos, esquivando-se de uma explicação sobre a constituição da cultura urbana na sua complexidade. De maneira inversa, aqui no Brasil, os pesquisadores não têm dúvidas em relação às raízes etnológicas da Escola de Chicago, que sempre buscou entender a cidade global. Quando Heitor Frugoli (2005: 135) escreve «A Escola [sociológica] de Chicago », ele sugere de maneira clara a dimensão antropológica dos estudos realizados por esse grupo de pesquisadores. Nos vimos que a antropologia urbana brasileira sempre privilegiou a metodologia para caracterizar a disciplina ; ora, as referências metodológicas da Escola de Chicago foram F. Boas e R. Lowie, dois

antropólogos. Por isso esta Escola parece mais antropológica do que sociológica no contexto brasileiro. Como consequência, a abordagem global da cidade, a explicação da complexidade das sociedades urbanas seriam do domínio da sociologia, na França, e da antropologia no Brasil.

Bibliographie

- BALANDIER, Georges. *Sociologie des Brazzavilles noires*. Paris: Armand Colin, 1955.
- BASTIDE, Roger. *Le Candomblé de Bahia, rite Nagô*. Paris: Mouton, 1958.
- CHALVON-DEMERSAY, S, *Le Triangle du X^{IV}e, Des nouveaux habitants dans un ancien quartier de Paris*, Paris, Ed.. da la Maison des Sciences de. l'Homme, 1988
- CLAVEL Maité, « L'ethnologie urbaine en France, dessociétés exotiques à l'espace urbain contemporain », *L'Homme et la société*, N° 104, 1992/2. p. 97-109
- FRUGOLI Jr. Heitor, “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”, p. *Revista de Antropologia* vol. 48, nº 1, São Paulo, Departamento de Antropologia da USP, jan.-jul./2005, p.107-124
- GALINIER J., MOLINIÉ A., *Les néo-indiens, une religion du III^e millénaire*, Paris, Odile Jacob, 2006.
- GUTWIRTH Jacques, PETONNET Colette (eds.), *Chemins de la ville, enquêtes ethnologiques*, Paris, Editions du CTHS, 1987
- L'Homme*, Vol. 26 N° 97-98. Janvier-Juin 1986. L'anthropologie : état des lieux.
<http://lhomme.revues.org/sommairepersee124009.html>
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, “Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole”, in MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. (2000), *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, “De perto e de dentro : notas para uma etnografia urbana”, in *Revista brasileira de ciências sociais*, 17-49, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, A antropologia urbana e os desafios da metrópole, *Tempo social*, vol.15 no.1 São Paulo Apr. 2003, p.86-95
- MITCHELL, James Clyde. 1956. *The Kalela Dance. Aspects of Social Relationships among Urban Africans in Northern Rhodesia*. Manchester: Manchester University Press (*The Rhodes-Livingstone Institute Papers*, 27).
- RAULIN Anne, *Anthropologie urbaine*, Armand Colin, Paris, 2001
- Simon Pierre Jean, *Anthropologie et sociologie*,
www.uhb.fr/sc_humaines/ceriem/documents/cc5/CC5pjs.htm
- STOLL jacqueline Dandra, *Espiritismo à brasileira*, EDUSP/Editora Orion, 2003
- VELHO Gilberto, Kushnir Karina (orgs), *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho, antropológico*, Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003.

VIDAL Dominique, *Les bonnes de Rio. Emploi domestique et société démocratique au Brésil*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, Le Regard Sociologique, 2007

VIDAL Dominique, *la politique au quartier, Rapports sociaux et citoyenneté à Recife*, Paris, Editions de la MSH, 1999.